



VIDAS E OBRAS DE MULHERES INSPIRAM JOVENS A CONTAR AS SUAS HISTÓRIAS

ANGELA CORRÊA PAPAIANI¹; CRISTINA MARIA ROSA²

¹*Universidade Federal de Pelotas - angelapapaiani@yahoo.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas - cris.rosa.ufpel@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

No trabalho evidencio procedimentos e resultados de um projeto de pesquisa e intervenção que buscou dar a conhecer, a estudantes dos três anos do Ensino Médio de uma escola pública estadual, vidas e obras de mulheres importantes no cenário da literatura e da arte. O tema central está pautado no processo de empoderamento e protagonismo feminino e leva em consideração os espaços de fala de mulheres numa sociedade patriarcal, machista, misógina e racista, que será apresentado em forma de artigo biográfico como requisito final para a conquista do título de Especialista em Educação na FaE/UFPel.

Essencialmente, o projeto surgiu da necessidade de realizar uma atividade envolvendo, especificamente, alunas e aluno (com identidade de intersexo, não binário), dos três anos do ensino médio que, de alguma forma, demonstraram interesse em estudar a vida e obra de mulheres importantes no cenário da literatura e da arte - inspirado no livro “Ciranda das Loucas” (DUTRA, 2013) - e, a partir do momento em que conheciam essas histórias, também se reconheceram nelas e se encorajaram a contar as suas próprias histórias.

Inicialmente, o objetivo era criar espaços de fala e, a partir deles, construir uma apresentação artística para a comunidade escolar. No entanto, as rodas de diálogos revelaram histórias marcantes em que, agressões físicas e psicológicas, preconceitos e depressões haviam sido guardadas até aquele momento. Neste instante, o projeto tomou outras proporções, tornando-se um círculo de confiança baseado na empatia, dororidade (PIEDADE, 2017) e compreensão. Questões como: “Qual o papel da escola diante de situações reveladas pelos estudantes? Como ouvir, considerar e enfrentar os relatos de agressões físicas e psicológicas, preconceitos e depressões?” Passaram a integrar minhas ocupações como docente.

HERNÁNDEZ (1998, p. 33), pensa que nós, educadores, devemos “questionar toda a forma de pensamento único” e ensinar nossos alunos a pensar que existem várias “representações da realidade” e que essas situações não podem mais ser vistas como normais e aceitáveis. No mesmo sentido, HOOKS (2017, p. 237), entende que devemos tomar cuidado para não criar uma “barreira que bloqueia a possibilidade de confrontação e conflito”, pois, geralmente, “os alunos são silenciados por meio de sua aceitação de valores de classe que os ensinam a manter a ordem a todo custo”. Assim sendo, a escola precisa ser um espaço de diálogo construtivo e democrático, para que o estudante possa expressar os seus anseios de forma espontânea. Já TIBURI (2021, p. 115) defende que “às vezes, um lugar de fala pode ser um lugar de dor, às vezes um lugar de dor pode ser um lugar de fala. Se o lugar de fala é abstrato e silencia o outro quando deveria haver diálogo, ele já não é mais um lugar político”. Para a filósofa, “o sistema econômico e político de nossa época, precisa transformar em



excrescência e inutilidade tudo aquilo que o ameaça” (2021, p. 29). Sendo assim, precisamos compreender que os movimentos feministas são de fato uma ameaça ao patriarcado, pois o feminismo nos ensina “a lutar por um mundo em que os corpos e, com eles, a dignidade das pessoas possam ser resgatadas” (2021, p. 39). E entender, definitivamente, que o fato de ser mulher não é sinônimo de violência.

O foco do projeto de pesquisa sobre a intervenção já realizada é valorizar as experiências. Desse modo, pensei em construir um artigo biográfico a partir dos relatos de cada uma das alunas e aluno participantes do projeto. Embora a biografia, segundo SCHWARCZ (2013), seja um gênero que, por muito tempo, foi visto pela crítica como ultrapassado e fora de moda, ainda é um gênero em ascensão e com um público leitor considerável. Ainda seguindo a ideia de SCHWARCZ (2013, p. 57 *apud* BOURDIEU, 1988), concordo que o “conceito de trajetória implicaria em objetivar as relações entre os agentes, sem deixar de lado suas forças em campo”. O intuito é relatar trajetórias percorridas, revelando o momento em que se libertam de amarras e conquistam o seu espaço no meio em que estão inseridas.

2. METODOLOGIA

Desenvolvido a partir de 2019, o projeto aqui descrito integra os estudos de pesquisa do Curso de Pós Graduação Lato Sensu, Especialização em Educação Área de Concentração - Educação: “Estudos sobre gênero, violência de gênero, feminismos, minorias sociais, pobreza e desigualdades sociais, educação popular, educação transgressora, teoria das representações sociais, epistemologia decolonial”.

Através do trabalho de Arte em sala de aula, busquei conduzir alguns temas em debate para a realidade da turma. E, assim surgiu o projeto “Flor de Cacto”. Na construção desse processo, fui apresentada ao poema “Ciranda das Loucas” de Jussara Dutra Vieira. A partir dele, as alunas e aluno interpretaram grandes mulheres da nossa história, relataram experiências das suas próprias vidas e convidaram as espectadoras a contarem as suas também.

A técnica utilizada foi criada pelo teatrólogo Augusto Boal chamada de Teatro-Fórum (uma das técnicas do Teatro do Oprimido). O Teatro do Oprimido teve o intuito de “democratizar os meios de produção e disseminar a cultura popular ao desenvolver projetos que incentivam a participação das camadas oprimidas da sociedade e visa à transformação da realidade a partir do diálogo e da arte” SILVA e GOBARA (2015, p. 3).

Para o artigo biográfico, a escolha da metodologia está pautada na análise das histórias contadas pelas entrevistadas e entrevistado participantes do projeto. O procedimento adotado busca observar as consequências causadas pelas agressões sofridas, sejam elas físicas, psicológicas ou morais, as emoções e as sensações envolvidas nos relatos e, principalmente, a mudança na perspectiva de vida de cada uma delas ao dividir suas frustrações e perceber que outro caminho é possível.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O vínculo de pesquisa oportunizado na Especialização em Educação teve início no primeiro semestre de 2021. Os resultados que vou considerar e apresentar estão baseados no projeto desenvolvido entre março de 2019 e março



de 2020. Infelizmente, após esse período, houve uma interrupção nas ações, uma vez que as alunas tiveram impedimentos no acesso aos meios digitais.

Com base nas várias situações apresentadas ao longo das conversas, foi possível compreender alguns fenômenos que caracterizam essa sociedade essencialmente machista, misógina e preconceituosa, na qual vivemos.

Durante o ano em que esteve em andamento, algumas discussões foram traçadas, como por exemplo, o relato dos impactos causados na vida social dessas e desse adolescente e mulheres, suas inquietações a respeito da identidade e do seu papel na sociedade e os projetos de vida interrompidos por pensarem que não são capazes ou merecedoras e merecedor de conquistas pessoais. Sofrimentos, dores e humilhações sentidas na carne, foram o foco de nossas trocas.

4. CONCLUSÕES

Os dados analisados até o momento são capazes de comprovar que a escola pública é um espaço seguro de acolhimento e mediação de conflitos presentes na sociedade. E, principalmente, uma referência para desconstruir, através da conscientização e do diálogo, sistema estruturais baseados no patriarcado responsáveis por propagar, de forma negativa, o machismo, a misoginia, o sexism, o preconceito e tantas outras formas de exclusão e segregação sofridas, sobretudo, pelas adolescentes e mulheres que frequentam a escola pública. Percebi, no projeto de pesquisa e intervenção, que o patriarcado não pode ser naturalizado, sob pena de continuar sendo imposto a homens e mulheres, obrigando-os a submissão e violência. Penso, por fim, que só conseguiremos aprender quando nos colocarmos no lugar de quem aprende. Precisamos ouvir os nossos, independente da bandeira que estamos levantando, pois com certeza todos têm algo a dizer.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo:** fatos e mitos. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOAL, A. **A estética do oprimido.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

_____. **Jogos para atores e não-atores.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DUTRA, Juçara. **Ciranda das Loucas.** 1. ed. Ler Editora, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 54ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação:** os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.



HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. 15^a ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

_____. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LUGONES, M.. Colonialidad y género. **Tabula Rasa.** Bogotá: n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.

_____. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas.** Florianópolis: p. 935-952, set./dez. de 2014.

RUBIN, G. **Políticas do Sexo.** São Paulo: Ubu, 2017.

SCHWARCZ, L. M.. Biografia como gênero e problema. **História Social:** Revista dos Pós-Graduados em História da UNICAMP, Campinas/SP, n. 24, 51-73, 2013. Acessado em jun. de 2021. Online. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577>>.

SILVA, W. M. da.; GOBARA, S. T.. **Teatro-Fórum: sequência didática e livreto para o ensino de biologia.** Polyphonía: v. 26/2, jul./dez. 2015.

TIBURI, M.. **Feminismo em comum:** para todas, todes e todos. 15^a ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

WOLF, N. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 17^a ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.